
O Método Biográfico em Sartre: contribuições do Existencialismo para a Psicologia

The Biographical Method in Sartre: Existential contributions to Psychology

Daniela Ribeiro Schneider*

Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC - Florianópolis, SC, Brasil

Resumo

A crise epistemológica da psicologia no início do século XX, por estar cindida entre as perspectivas objetivistas e subjetivistas, passou a exigir do meio científico aportes teóricos para a sua superação. A fenomenologia forneceu elementos filosóficos e metodológicos para estabelecer a crítica ao psicologismo e elaborar a possibilidade de novas perspectivas para a disciplina. Sartre, por ela influenciado, assim como pelo marxismo, constituiu uma concepção histórica e dialética que está no cerne da proposição de uma psicologia existencialista. Em especial, o método biográfico, por ele implementado, tem muito a contribuir para a construção de uma metodologia para a psicologia que supere a dicotomia objetivismo/ subjetivismo e possibilite a construção da disciplina em novos parâmetros. Neste artigo são explicitados os pressupostos teórico-metodológicos do método biográfico em Sartre, sendo discutida sua aplicação prática realizada no livro *Saint Genet: comédien et martyr*.

Palavras-Chave: Jean-Paul Sartre; Psicologia Existencialista; Biografia; História de Vida; Jean Genet.

Abstract

The epistemological crisis in psychology at the start of the twentieth century, torn as it was between objectivist and subjectivist perspectives, began to demand from the scientific world a theoretical contribution in order to overcome this impasse. Phenomenology provided philosophical and methodological elements in order to establish a critique of psychologism, and to open the way to the development of new perspectives in this field. Sartre, thus influenced, and inspired by Marxism, elaborated a historical and dialectic concept which forms the core of the theory of existentialist psychology. In particular, the biographical method which he implemented contributed greatly to a method of psychology which goes beyond objectivism/subjectivism and allows for the development of the field within new parameters. In this article, the fundamental theory-methodologies of Sartre's biographical method are explained. I also discuss their practical application in his book, *Saint Genet: comédien et martyr*.

Keywords: Jean-Paul Sartre; Existentialist Psychology; Biography; Life history; Jean Genet.

O início do século XX foi marcado pelos questionamentos ao *establishment* das disciplinas nascidas nos séculos anteriores, que buscavam se

consolidar como científicas, utilizando-se para tanto, na maior parte das vezes, da perspectiva positivista: sociologia, antropologia, história, economia, entre outras. As críticas à lógica causalista, ao modelo mecanicista, à *démarche* empirista, que consolidaram o chamado *cientificismo*, se faziam presentes em várias áreas de produção do conhecimento. A reflexão sobre os fundamentos da psicologia estava no bojo desse contexto mais abrangente.

A crise epistemológica da psicologia do início do século XX foi debatida por vários teóricos, entre eles Vigotski (1996) e Politzer (1965), que questionavam o fato da disciplina ter ficado retida na dicotomia entre um subjetivismo e um objetivismo sem recursos, sem conseguir superá-los. Estes teóricos representam certo momento de ebulição da crítica à psicologia científica que se consolidava, puxada, por um lado pela psicologia fisiológica, psicologia experimental e a nascente psicologia comportamental e, por outro, pela psicanálise e suas correlações com a clínica e com a psiquiatria.

A fenomenologia, filosofia constituída a partir dos trabalhos de Edmund Husserl, no final do século XIX, fornecia elementos ontológicos e metodológicos para se processarem tais questionamentos.

Neste contexto, Jaspers (1979), pautando-se na fenomenologia, escreveu seu conhecido livro *Psicopatologia Geral*, de 1913, no qual delineia uma nova perspectiva para a disciplina psicopatológica, ao romper com a lógica analítica que a dominava, sustentada na noção de causalidade, predominante no modelo neurofisiológico e organicista da psiquiatria de então, propondo-lhe novos parâmetros. Utilizar-se-á da noção de *compreensão* e sua lógica sintética, propondo uma nova abordagem dos fenômenos psicológicos: a) a psique humana exprime-se no corpo; b) o homem vive em seu mundo; c) o homem objetifica-se na fala, no trabalho, nas idéias. Para compreender esses novos parâmetros, era preciso buscar as “conexões compreensivas da vida psíquica”, com destaque para a noção de *situação*.

Para o psiquiatra fenomenológico, o diagnóstico da situação do paciente devia ser feito sempre a partir da realização da *biografia* do sujeito, considerada como etapa fundamental para a inteligibilidade do caso. Dessa forma, a compreensão era de que a vida psíquica é um *todo*, desenvolvida em forma temporal. A realidade humana é uma abertura para o futuro, portanto, não é fechada sobre si mesma; é sempre uma biografia incompleta e aberta, à espera das realizações futuras. Além disso, a biografia leva a uma perspectiva histórica mais ampla, na medida em que busca o homem inserido em um contexto abrangente: através da história pessoal deve-se chegar na história dos povos, afirma o psiquiatra. É sob influência desse contexto e, mais especificamente, dos teóricos da fenomenologia, que Politzer (1965) vai propor a sua *psicologia concreta*, tendo na *biografia* o carro-chefe de sua metodologia. Para o francês, a biografia deve ser, na verdade, o objeto da psicologia, pois o que deveria

interessar a esta ciência é a trama da vida, a história do sujeito (LEGRAND, 1993).

Jean-Paul Sartre (1905-1980), ao buscar embasamento na fenomenologia de Jaspers, Husserl e Heidegger, nos diálogos travados com seu amigo pessoal Politzer, entre outras influências do contexto intelectual francês do seu tempo, irá aderir ao movimento crítico. Dessa forma, o filósofo fará da crítica e da elaboração de novos fundamentos da psicologia um dos elementos constantes de toda sua obra, perseguindo a constituição de um novo método e um novo corpo teórico para tal disciplina. Entre tais proposições está a de um *método biográfico*, como recurso para a compreensão rigorosa do movimento do sujeito no mundo, que o contexto intelectual da época estava a clamar.

Conforme apontam os historiadores contemporâneos da psicologia, na busca de definição de métodos para sua investigação:

Na abordagem biográfica, a vida e a obra de um autor são utilizadas como principal fonte de dados para a reconstrução dos acontecimentos. Segundo Sokal, essa perspectiva é especialmente interessante por permitir a combinação das abordagens internalista e externalista: ao descrever a evolução do pensamento do autor, a ênfase recai sobre o ponto de vista internalista; ao abordar as relações entre o autor e a comunidade ou a época, é possível observar a interação entre a atividade científica e o contexto social e cultural (CAMPOS, 1998, p. 15).

Sendo assim, o estudo do método biográfico tem muito a contribuir para a construção de uma metodologia para a psicologia que supere a dicotomia subjetivista/objetivista e possibilite a construção de uma nova disciplina.

Homem / História: relação indissolúvel

Segundo Bloch a história não é uma “ciência do passado”, como acreditam alguns historiadores, mas sim uma “ciência dos homens no tempo”. Assim, o tempo da história é “o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e o lugar de sua inteligibilidade” (2001, p. 55).

Sartre foi certamente influenciado pela historiografia contemporânea francesa, assim como pelo historicismo marxista. A concepção de homem que subjaz à teoria sartriana é, portanto, histórica e dialética, na qual, o sujeito só pode ser compreendido levando-se em conta sua história individual, tanto quanto a de sua conjuntura familiar ou rede sociológica, bem como de seu contexto social e sua época cultural, tendo como fundo de sustentação a noção que *ele se faz e é feito* no/por esse conjunto de fatores. A psicologia existencialista pauta-se nessa antropologia.

Sartre buscou fundar uma *antropologia estrutural e histórica*, que deveria ser estabelecida no “interior da filosofia marxista, pois o marxismo é a filosofia insuperável de nosso tempo”, bem como no Existencialismo, na

medida em que este é “um território encravado no próprio marxismo, que o engendra e o recusa ao mesmo tempo” (SARTRE, 1960, p. 09).

Marx e Engels (1987), ao criticarem o idealismo hegeliano, assinalaram a prioridade da práxis ou da ação sobre o conhecimento ou o saber. Os fenômenos humanos são irreduzíveis ao conhecimento; eles devem ser experimentados, vividos. Isto quer dizer que não basta conhecer a realidade humana, é preciso produzi-la, vivê-la, modificá-la. Sartre aplicará esse postulado ao estabelecer a sua antropologia. Para compreender um homem é preciso ir além daquilo que ele fala ou reflete sobre si, é preciso descrever suas ações, sua práxis cotidiana, o contexto no qual está inserido. Portanto, não podemos nos limitar ao discurso ou à linguagem. É preciso destacar a especificidade da existência humana, ao tomar o homem concreto na sua realidade objetiva, material, social, sociológica.

Nesta concepção o *concreto* é a história, posto que a ação humana é sempre dialética (SARTRE, 1960). Portanto, devemos buscar elucidar o entrelaçamento dos fatos em uma perspectiva histórica e dialética, para, assim, conseguirmos melhor compreender a vida de um homem e de uma coletividade. Mas, de que forma estabelecer essa compreensão? O marxismo, assim como o existencialismo, consideram que os fatos nunca são fenômenos isolados; eles se dão em conjunto, são tecidos uns nos outros; alterando um, modifica-se o outro, e vice-versa; tecem-se na unidade de um todo. É esse entrelaçamento, essa relação de função que deve ser perseguido, a fim de elucidar a realidade humana.

Mas é necessário, assinala Sartre (1960), precisar a relação do sujeito com as estruturas que o determinam. Critica a passagem de Engels: “que um tal homem e precisamente aquele, se eleve em tal época determinada e em tal país dado, é naturalmente um puro acaso. Na falta de Napoleão, outro teria preenchido o seu lugar...” (SARTRE, 1960, p. 44). Sartre argumenta que o acaso não existe, pois são os sujeitos efetivos que fazem a história, mesmo que em condições dadas. É preciso, por isso, compreender a concretude da vida, bem como as mediações que a produzem. Segundo Legrand (1993), para explicar como os homens concretos se constituem a partir das determinações sócio-históricas, o existencialista utiliza o conceito de *mediação*, ou seja, o processo através do qual a família, os micro-grupos sociais estabelecem-se como meios de constituição da realidade específica do indivíduo, sendo que as disciplinas auxiliares, como a psicanálise e a sociologia, são chamadas a explicitar tal processo.

Sartre produzirá suas obras biográficas dentro de uma perspectiva interdisciplinar, buscando uma síntese transcendente entre a psicanálise, o marxismo, o existencialismo, pois estava ciente da necessidade já assinalada por Bloch (2001, p. 50).: “para melhor entender e apreciar os procedimentos de investigação, seria necessário associá-los ao conjunto das tendências que se manifestam, no mesmo momento, nas outras ordens de disciplina”.

Sartre defende a psicanálise como um método que permite estudar o processo no qual uma criança chega a desempenhar o papel social que lhe foi imposto, assimilando-o, sufocando-se nele, ou rejeitando-o, na medida em que a história de uma pessoa, desde sua infância, é fundamento para se entender o sistema social. "O existencialismo acredita, ao contrário (do marxismo) poder integrar este método (a psicanálise) porque ele descobre o ponto de inserção do homem em sua classe, isto é, a família singular como mediação entre a classe universal e o indivíduo" (SARTRE, 1960, p. 47). Faz-se necessário pôr em relevo, assim, a ação que a *infância* tem sobre nossa vida de adulto, perspectiva fundamental para se compreender o entrelaçamento da realidade humana. Portanto, não podemos fazer como o marxismo que rejeita a atenção ao sujeito individual e sua história idiossincrática, pois é justamente a partir dela que se dá a tessitura da vida coletiva.

Sendo assim, a relação *indivíduo/grupo* ou *singular/universal* é aspecto essencial para o entendimento da realidade humana. O suporte dos coletivos, dos grupos, são as atividades concretas dos indivíduos. O grupo é, assim, uma multiplicidade de relações concretas; não é nunca uma totalidade fechada ou um hiperorganismo, como querem alguns sociólogos positivistas, mas sim uma totalidade nunca terminada, uma "totalidade destotalizada" (SARTRE, 1960, p. 47). Isto quer dizer que os grupos estão em constante processo de construção dialética:

Produto de seu produto, modelado pelo seu trabalho e pelas condições sociais da produção, o homem existe ao mesmo tempo no meio de seus produtos e fornece a substância dos 'coletivos' que o corroem; a cada nível da vida, um curto-circuito se estabelece, uma experiência horizontal que contribui para modificá-lo sobre a base de suas condições materiais de partida: a criança não vive somente na sua família, ela vive também - em parte através dela, em parte sozinha - a paisagem coletiva que a circunda; e é ainda a generalidade de sua classe que lhe é revelada nesta experiência singular (SARTRE, 1960, p. 56).

Sendo assim, o homem faz a história, ao mesmo tempo em que é feito por ela. No entanto, é preciso assinalar que a história não está em meu poder, ela me escapa, e "[...] isto não decorre do fato de que não a faço: decorre do fato que o outro também a faz" (SARTRE, 1960, p. 69). O homem se objetiva na história e nela se aliena. Ela lhe aparece como uma força estranha, na medida em que não consegue reconhecer, muitas vezes, o sentido de sua ação no seu resultado final. Isto se deve ao fato de que o resultado é uma objetivação no mundo que, portanto, o transcende, posto que se torna coletivo. A história é, assim, "uma realidade provida de significação e alguma coisa que ninguém possa reconhecer-se inteiramente, enfim, uma obra humana sem autor" (SARTRE, 1960, p. 67).

A ação humana, sustentada nas condições dadas, por mais alienada que seja, sempre transforma o mundo. Isto porque o que caracteriza o homem é a sua transcendência, pois ele "sempre faz alguma coisa daquilo que

fizeram dele" (SARTRE, 1952), mesmo que ele não se reconheça na sua ação. Ainda que alienados, somos sujeitos de nossa história.

O processo de transcender o que está dado, indo em direção ao futuro, é o que Sartre denomina de *projeto de ser*. O projeto é circunscrito pelo *campo dos possíveis*, quer dizer, pelas condições materiais, sociais, históricas que definem a existência de um homem, perfazendo as possibilidades de devir do sujeito. Os possíveis sociais são, assim, ativamente apropriados pelos sujeitos, definindo os contornos das escolhas individuais. "O subjetivo aparece, então, como um momento necessário do processo objetivo" (SARTRE, 1960, p. 67). As condições materiais só adquirem realidade quando vividas na particularidade de uma situação. O projeto é uma apropriação subjetiva da objetividade, cujo sentido é, por sua vez, objetivar-se, em atos, sentimentos, paixões, ideologias. Ele é, portanto, uma "subjetividade objetivada". Dessa forma, no existencialismo a ação de um sujeito não pode ser julgada pela intenção, mas sim por sua realização efetiva no mundo.

Esse projeto de ser, engendrado historicamente, quer dizer, gestado desde a mais tenra infância, estabelece-se como um processo no qual o sujeito, ao mover-se em direção a certo futuro, vai definindo seu ser: sua corporeidade, seus estados e qualidades, a forma de ser afetado pelas coisas, a forma de estabelecer relações com os outros, sua racionalidade, suas posturas e ações. Sendo assim, tal projeto vai aparecer de diferentes maneiras em vários momentos da vida de uma pessoa, sendo retomado, reconfigurado, mas sempre como pano de fundo de qualquer ato humano.

Essa perspectiva leva o existencialista a conceber que a vida se desenvolve em *espirais*: "ela volta a passar sempre pelos mesmos pontos, mas em níveis diferentes de integração e complexidade" (SARTRE, 1960, p.71). Essa concepção de espiral deve estar presente na tentativa de inteligibilidade da vida de um homem; é por isso que ela estará presente nas várias biografias elaboradas pelo autor.

O caminho científico para a realização de biografias: a psicanálise existencial e o método progressivo-regressivo

O método biográfico em Sartre foi sendo construído pouco a pouco no desenrolar da consolidação de sua obra técnica e literária, tendo dois momentos cruciais de fundamentação teórico-metodológica, sendo textos que se somam, complementando-se: a) a proposição de um método para a psicologia, intitulado *Psicanálise Existencial*, elaborado no final dos anos 30 e início dos anos 40 e publicado como capítulo de *O Ser e o Nada* (1943); b) os aportes técnicos de seu *Questão de Método*, publicado com introdução a *Crítica da Razão Dialética* (1960).

O existencialista conclui seu capítulo sobre a *Psicanálise Existencial* afirmando que esta "ainda não encontrou o seu Freud, mas que seus

traços já podem ser encontrados na realização de certas biografias", como é o caso da de Flaubert (SARTRE, 1943, p. 663). Verificamos, portanto, que em 1943, o filósofo já projetava a tarefa que só concluiria em 1971, a sua monumental biografia deste escritor, intitulada *O Idiota da Família*, com mais de três mil páginas. O método biográfico já estava, portanto, em elaboração desde lá. Alguns autores afirmam (LOUETTE, 1989, 1990; LA CAPRA, 1982) que ainda antes, no livro *A Náusea*, seu primeiro romance, realizado na forma de um diário, Sartre já elaborava numa direção biográfica.

Em seu método *psicanálise existencial* propõe uma forma objetiva de investigar a dimensão de *ser* do sujeito humano, compreendido enquanto *ser-no-mundo*, como *ser-em-situação*, um singular/universal. Dessa forma, o ponto de partida da investigação devem ser os aspectos concretos de sua vida, ou seja, as diferentes dimensões da vida de relações. O caminho da investigação deve desvelar, entre estes diferentes aspectos e dimensões, aquilo que processa a unificação do conjunto, que é o *ser* do sujeito, ou seja, seu *projeto* original.

O objetivo da psicanálise sartriana é decifrar o nexos existente entre os diversos comportamentos, gostos, gestos, emoções, raciocínios do sujeito concreto, ao extrair o significado que unifica de cada um desses aspectos em direção a um fim. É esse nexos que define o sentido da vida de alguém. Isto quer dizer que a psicanálise existencial deve decifrar o "projeto de ser" de cada indivíduo estudado, pois é ele que define o que são e para onde se encaminham os diferentes movimentos de uma pessoa no mundo (SCHNEIDER, 2006, p. 53).

A psicanálise existencial deve procurar, através da investigação dos projetos empíricos ou das estratégias para realizar o projeto, a maneira original com que cada sujeito se escolhe, ou seja, a unificação de seu ser, familiarizando-o com suas paixões (SARTRE, 1943). Sendo assim, o método existencialista é, por princípio, compreensivo ou sintético. Influenciado pelo método fenomenológico, a psicologia existencialista nunca parte de fatos isolados, mas sim de *fenômenos*, quer dizer de um conjunto articulado de ocorrências objetivas. Isto porque os diferentes aspectos de uma vida sempre se dão em conjunto, são tecidos uns nos outros; alterando um, modifica-se o outro, e vice-versa. É esse entrelaçamento, esse significado comum que deve ser perseguido, a fim de elucidar a história pessoal e coletiva. Essa perspectiva, sustentada na ciência contemporânea, permite uma compreensão contextualizada da situação histórica estudada.

Necessita-se utilizar aí, como ferramenta auxiliar, o que os psiquiatras alemães, como Jaspers (1979), denominam de *compreensão*, quer dizer, estabelecer o movimento sintético que pretende explicar o ato pela sua significação, partindo de suas condições iniciais. A compreensão estabelece o movimento que ao partir do específico, dos aspectos singulares, desenrola-se em um processo de totalização, chegando a uma síntese mais universal. "A compreensão nada mais é do que minha vida

real, isto é, o movimento totalizador que ajunta a meu próximo, a mim mesmo e ao ambiente na unidade sintética de uma objetivação em curso" (SARTRE, 1960, p. 97). Opõe-se, dessa forma, à perspectiva analítica, que busca uma explicação geral, partindo de uma teoria *a priori* ou de um universal para analisar a parte, o singular. Para Sartre, segundo Hodard (1979, p.37), "não se trata de explicar, mas de compreender. Quer dizer, o método sartriano pretende-se dialético e não analítico, pois toma o indivíduo em sua singularidade, ou se se prefere, no movimento pelo qual ele se fez sobre a base do que se fez dele".

Isso significa que o homem deve ser encontrado inteiro em todas as suas manifestações. A maneira de se lançar no mundo, as posturas morais e políticas, os valores, a sua corporeidade, como vimos acima, remetem sempre ao *projeto de ser*, que, como Sartre demonstra na *Crítica da Razão Dialética*, é fruto das determinantes materiais, sociais, históricas em que ele está inscrito (objetivo) e da apropriação ativa por parte do sujeito (subjetivo). A compreensão da realidade humana passa, portanto, pelo movimento dialético entre o objetivo e o subjetivo. Daí a necessidade de se estabelecer o *método progressivo-regressivo*:

Nosso método é heurístico, ele nos ensina coisas novas porque é regressivo e progressivo ao mesmo tempo. Seu primeiro cuidado é, como o do marxista, recolocar o homem no seu contexto. Pedimos à história geral que nos restitua as estruturas da sociedade contemporânea. [...] Assim, temos de início um conhecimento totalizante do momento considerado, mas em relação ao objeto de nosso estudo, este conhecimento permanece abstrato. [...] Por outro lado, temos certo conhecimento fragmentário de nosso objeto, por exemplo, conhecemos já a biografia de Robespierre na medida em que é uma determinação da temporalidade, quer dizer, uma sucessão de fatos bem estabelecidos. Tais fatos parecem concretos porque são conhecidos pormenorizadamente, mas falta-lhes a realidade, uma vez que não podemos ainda vinculá-los ao movimento totalizador. [...] O método existencialista não terá outro meio senão o "vaivém": determinará progressivamente a biografia (por exemplo), aprofundando a época, e a época, aprofundando a biografia (SARTRE, 1960, p. 86-7).

Sendo assim, sob pena de perder a dialética histórica, faz-se imprescindível empregar um método que realize esse vaivém entre a dimensão universal/singular ou coletiva/individual. Nessa direção, ressalta-se a importância do estabelecimento de biografias, como instrumento fundamental na implementação do método progressivo-regressivo. Pretende-se chegar com ele à singularidade do sujeito humano, sempre compreendido como produto e produtor do seu contexto e de sua história. Para tanto, deve-se partir das *significações* das diversas situações que são engendradas nessa relação entre o objetivo e o subjetivo e que se expressam através do *projeto de ser* de cada sujeito. Dessa forma, como afirma Boechat (2004, p.162): "o método progressivo-

regressivo coloca a psicanálise existencial como um pólo mediador entre o homem, em sua singularidade, e o contexto histórico do qual ele faz parte como construtor”.

O Método Biográfico em Sartre

Já vimos que a biografia deve expor um homem enquanto totalização e não como um conjunto fragmentário de comportamentos, emoções, desejos; totalização essa que se concretiza no *projeto de ser* do sujeito em questão.

O existencialista tece críticas contundentes à forma mecanicista como as biografias, em geral, são elaboradas, na medida em que realizam uma narrativa histórica feita *por fora*, sustentando-se em acontecimentos exteriores e em alusões aos grandes ícones explicativos de nossa época: hereditariedade, meio, educação, etc. (SARTRE, 1943). Em suas biografias, ele não realiza uma simples descrição da facticidade (narrativa dos fatos vividos), ou uma biografia de linhagem (onde nasceu, filho de quem, casou com quem, teve quantos filhos, escreveu quantas obras, etc); seu método implica que as biografias sejam realizadas *por dentro*, quer dizer, devem ressaltar o sujeito concreto, “em carne e osso”, através de um movimento de compreensão, no qual buscam esclarecer as condições epocais, materiais, antropológicas, sociológicas que o determinaram e a forma como delas se apropriou, chegando a sua dimensão subjetiva, psicológica. Poderíamos afirmar que Sartre, entra com isso, na tradição da crítica ao “antigo regime na historiografia”, como designa Burke (1997), somando seus esforços ao de seus contemporâneos que realizam uma *nova história*, concretizada com um caráter interdisciplinar e resgatando o movimento dos sujeitos concretos em seu tempo histórico.

Dessa forma, Sartre não abre mão do movimento, constante na análise empreendida, entre o sujeito e a objetividade, movimento dialético produtor do psíquico. Pretende elucidar, assim, o que possibilitou ao seu biografado escrever as obras que escreveu, ao construir-se o sujeito que foi, esclarecendo como chegou a realizar tais objetivações. Como expressa LaCapra (1982, p. 22) “a noção de biografia (em Sartre) designa o espaço no qual há uma constante interação entre a vida e os textos escritos” de seus biografados, sendo vida e obra aspectos indissociáveis. “Na obra de Sartre, a sucessão de fatos e episódios exteriores se transforma no caudal de uma história viva, em que não se verificam nem exterioridade inaugural, nem interioridade viciosa, mas o esforço de síntese entre o indivíduo e o século, o homem e o mundo” (BORNHEIM, *apud* QUINTILIANO, 2005, p. 49). O fato de cada sujeito ser um ser social, coletivo, universal, mas ao mesmo tempo, ser um ser único, singular, ou seja, em cada homem encontrarem-se, simultaneamente, as marcas da cultura, da classe social, do momento histórico em que vive, bem como as

da apropriação subjetiva que ele faz de todos esses determinantes, tornando-se alguém específico, é a condição que possibilita a realização de uma biografia com caráter científico, quer dizer, que vise elucidar as condições de possibilidade do sujeito ter se tornado quem é. Isso quer dizer que, deve-se estabelecer um método que saiba interrogar as diferentes variáveis e determinantes e as relações de funções entre elas, pois pretende-se chegar a uma compreensão objetiva do sujeito, ou seja, fazer com que “a verdade humana da pessoa possa ser estabelecida”. Dessa forma, o objetivo da *psicanálise existencial* é o de “iluminar, sob uma forma rigorosamente objetiva, a escolha fundamental pela qual cada pessoa se faz pessoa” (SARTRE, 1943, p. 655).

Sendo assim, as biografias na perspectiva sartriana têm importante contribuição a dar para a dimensão técnica da psicologia, pois descortinam um método para a compreensão objetiva da pessoa em seu movimento no mundo:

O existencialista demonstra em suas biografias como trabalhar com o fenômeno psicológico em seus diferentes componentes e níveis – sociais, culturais, psicológicos – dos quais emerge o sujeito concreto, em carne e osso, com o seu desejo de ser, com os conflitos que lhe são decorrentes, às voltas com sua eleição original. Realiza, portanto, o que poderíamos chamar metaforicamente de uma radiografia psicológica do sujeito, na medida em que deixa translúcidas as raízes de sua problemática psicológica, a localização das contradições de seu ser, definidas a partir do resgate de seu projeto de ser, originado de seu movimento no conjunto de suas relações, ou seja, de seu movimento no mundo (SCHNEIDER, 2006A, p. 109).

É o que vemos aparecer nas três conhecidas biografias publicadas por Sartre, que segundo Contat (1989) são insuperáveis em suas contribuições para as ciências sociais: a) *Baudelaire*, por sua concisão, mas precisão em sua síntese histórica da vida do escritor; b) *Saint Genet: comédien et martyr*, pela utilização de uma dialética existencial extremamente complexa, a partir da qual esclarece o momento cultural e histórico do início do século XX que engendraram a personalidade de Jean Genet. Inicialmente destinado a ser um excluído social, o poeta consegue superar essa determinação em função de um conjunto de aspectos antropológicos, sociológicos e psicológicos, tornando-se um dos mais importantes escritores franceses da metade do século XX; c) *L'Idiot de la Famille*, pelo aprofundamento do método compreensivo sartriano, quando elucida a partir da história de vida, das suas relações cotidianas desde sua mais tenra infância, como Flaubert foi forjando - no jogo dialético entre condicionantes sociais, familiares, psicológicas - o desenvolvimento de sua personalidade, de sua *neurose*, bem como da transcendência de tais determinantes, pois, inicialmente considerado um idiota (conceito de deficiente mental, à época) por sua família, em especial por seu pai médico, Flaubert conseguiu ser o escritor que revolucionou o romance

moderno, sendo a expressão viva das mudanças culturais da metade do século XIX. Dessa forma, Sartre expressa nessas biografias o embate entre o indivíduo e seu meio sociológico, esclarecendo os tortuosos caminhos da liberdade.

Faremos uma breve explanação sobre a biografia *Saint Genet* para exemplificar a aplicação prática do método biográfico em Sartre e sua contribuição teórico-metodológica para a psicologia.

Saint Genet, comédien et martyr: aspectos teórico-metodológicos da biografia em Sartre

Sartre escreveu o livro *Saint Genet: comédien et martyr* no início dos anos 50, por ocasião de uma encomenda da editora Gallimard para que realizasse uma introdução às obras completas do escritor e poeta Jean Genet, ainda vivo e no auge da fama. O filósofo, que já vinha buscando realizar as proposições teórico-metodológicas de sua *psicanálise existencial*, bem como do método *progressivo-regressivo*, em fase de elaboração, vê aqui uma boa oportunidade de colocar em prática suas concepções de uma nova compreensão do sujeito humano, principalmente em suas dimensões histórica e psicológica.

Segundo Thody (1971), *Saint Genet, Comédient et Martyr* tem sido apreciado como uma aplicação excepcionalmente bem sucedida dos novos métodos de análise (de Sartre), que podem ser derivados de uma combinação de marxismo, psicanálise e fenomenologia. Coorebyter (2005, p.115) assinala que *Saint Genet* põe em prática aquilo que o *Questão de Método* teoriza: "ele mostra como uma criança toma por sua conta um sistema de valores do qual se tornou vítima, o que impõe uma investigação de sua interiorização mais do que simplesmente a localização dos componentes do exterior".

Os livros do poeta Jean Genet são um rico material para análises psicológicas, na medida em que são autobiográficos, ou seja, escritos nos quais o autor desvela-se aos leitores, descrevendo suas experiências concretas, a narrativa de sua história, explicitando a sensibilidade com que a viveu. Dessa forma, Sartre utilizou-se deste rico material como fonte de pesquisa, ao analisar suas obras romanescas e teatrais e algumas correspondências. Além disso, o existencialista ainda teve com Genet uma série de conversas, nas quais procurava esclarecer os aspectos que permaneceram obscuros nos seus livros (SCHNEIDER, 2002).

Sartre deixou bem claro seus objetivos com a realização desta sua compreensão da vida de Jean Genet:

Mostrar os limites da interpretação psicanalítica e da explicação marxista e que somente a liberdade pode dar conta de uma pessoa em sua totalidade; fazer ver esta liberdade enredada com o destino, ao princípio esmagada por suas fatalidades e, logo, voltando-se sobre elas para digeri-las pouco a pouco; demonstrar

que a genialidade não é um dom, mas sim a solução que se inventa em casos desesperados; encontrar a eleição que um escritor faz de si mesmo, de sua vida e do sentido do universo, chegando às características formais de seu estilo e de sua composição, até às estruturas de suas imagens e à particularidade de seus gostos; expor detalhadamente a história de uma libertação: isso é o que eu pretendi fazer; o leitor é quem me dirá se o consegui (SARTRE, 1952, p. 537).

Sua pretensão era, portanto, elaborar uma compreensão existencialista de uma personalidade, utilizando-se dos modelos propostos pela psicanálise e pelo marxismo, mas deles diferenciando-se, ao assinalar os limites destas disciplinas na compreensão do humano. Constitui-se, dessa forma, num rico material para analisar as postulações de Sartre em termos de seu método biográfico, assim como suas contribuições em direção à formulação de uma nova psicologia e sua aplicabilidade prática.

O livro de Sartre mostrará o processo de personalização de Genet, sua constituição enquanto sujeito no mundo, ainda que num processo de alienação. Vamos a ele!

Genet nasceu em Paris, em 1910, tendo sido abandonado por sua mãe ainda bebê e criado em orfanatos. Até os sete anos, quando foi adotado por uma família camponesa do interior da França – Alligny-en-Morvan – ele não passava de um número na burocracia administrativa. Filho ilegítimo, sob a proteção do Estado, Genet não tinha identidade própria: não tinha casa, nem pertences, nem familiares; era fruto de uma obrigação estatal. Genet fala com frequência dessa situação em seus livros. Ficava muito incomodado com esse abandono. O fato de desconhecer suas origens lhe permitia interpretá-la a seu bel-prazer. E assim o fará, em seu imaginário: revestirá sua ilegitimidade de uma aura mística. Essa experiência de abandono e, conseqüentemente, de solidão, marcará os rumos existenciais de Genet.

Sua família adotiva era regida por valores campestres, bastante rígidos. Seus pais, ele artesão em uma pequena cidade numa região rural da França, ela dona de casa, por mais que lhe dessem carinho, eram por demais sérios e formais. Viveu, nos seus primeiros anos em Morvan, em “uma doce confusão com o mundo” (SARTRE, 1952): era uma criança inocente, vivendo muito próximo à natureza e, destacadamente, vivendo numa solidão absoluta, pois não havia pessoas por quem ele tivesse a mínima afeição. Será Deus que preencherá o lugar dessas ausências. Genet tornar-se-á uma *alma religiosa*, como forma de preencher a falta de mediações existenciais. Não se experimentará pertencendo, nem à casa paterna, nem à comunidade campestre, apesar de ter adquirido seus valores morais e estéticos.

Ele próprio narra que quando as coisas que lhe eram dadas, como doces, pequenos presentes, pareciam-lhe sempre doações em relação às quais se experimentava endividado. Não as tomava como realmente suas. Sentia-se despossuído de tudo. Sua condição de pupilo da Assistência Pública

sempre foi muito marcante em sua comunidade. Era hábito dos camponeses dessa região adotar órfão ou criança abandonada, pois recebiam um soldo mensal do Estado para dela tomar conta, bem como poderiam utilizar sua mão-de-obra na lavoura. Essas crianças eram estigmatizadas pelos filhos dos habitantes locais, sendo motivo de chacota na escola e nas brincadeiras de grupo. Além do que, aos treze anos eles eram obrigados a abandonar a família adotiva para ir a um centro de aprendizagem do Estado. Sendo assim, Genet não conseguia experimentar-se incluído, por mais que em sua família não o forçassem a trabalhar, tendo espaço para viver sua vida de criança.

Aos dez anos, Genet *escolheu-se* ladrão, afirma Sartre! O que isto quer dizer? Um homem escolhe-se em uma dada estrutura de escolha; a escolha não é, portanto, gratuita, determinada unicamente por seu desejo de sujeito, mas é uma escolha a partir das possibilidades que se lhe apresentam e frente às quais ele não pode deixar de escolher. Qual foi, portanto, a estrutura de escolha com a qual se deparou Genet aos dez anos de idade? Foi a de um menino, que em uma dada situação, foi posto em cheque perante toda a sua possibilidade de ser e de futuro. Na sociedade campesina em que estava inserido as pessoas eram definidas em função das terras que herdavam. Ele como bastardo e como filho adotivo sempre esteve fora das condições de inclusão social em sua comunidade. Sua tentativa de integrar-se àquela sociedade marcada pela posse foi feita através de pequenos furtos, ou seja, através da apropriação de objetos que não lhe pertenciam, que lhe eram vedados. De alguma maneira, através de seus furtos, experimentava-se proprietário, pertencente àquele contexto antropológico. Porém, o “feitiço virou contra o feiticeiro”, pois ao ser flagrado roubando, acabou por ser definido como ladrão e definitivamente excluído da comunidade. Escolheu-se, portanto, porque *intuiu* como única possibilidade de seu ser o de existir na marginalidade. Eis aqui a sua primeira metamorfose (SARTRE, 1952).

Qual a elaboração reflexiva que um menino poderia ter para iluminar tal estrutura de escolha radical? Genet, aos dez anos, escolherá à luz de quê inteligibilidade? Aqui Sartre mostra a função do *horizonte de racionalidade* na constituição do sujeito, ao estabelecer a mediação concreta entre o indivíduo e o seu contexto sociológico e antropológico. É a luz de uma racionalidade moralista e fatalista, advinda do ambiente religioso e campesino em que vivia, que Genet fará a elaboração reflexiva, a partir da qual acaba intuindo-se como *destinado* a ser determinado tipo de ser: aquele que estava predestinado a ser – ladrão – ou seja, à margem da sociedade, excluído socialmente. Consolida-se, assim, o seu *cogito* ou *saber-de-ser*.

Sabemos que a escolha de Genet foi alienada, no verdadeiro sentido do termo, pois foi equivocada, voltada contra ele mesmo, sem uma reflexão rigorosa da situação, como não era dado a um menino de dez anos, *engolido* por todo aquele contexto. Por isso foi uma situação cruel, fato que torna o futuro poeta um *mártir*. O que seguiu em sua vida foi

conseqüência dessa escolha ontológica de Genet, a partir da qual ele assume seu *destino*, pois era exatamente assim que o experimentava: como um destino traçado, uma fatalidade que a vida lhe impôs, na medida em que, como já vimos, inteligiu a exclusão como sua única possibilidade de ser. Em tal situação, ele absolutiza essa inteligibilidade, escolhendo-se na revolta. Se fosse um pouco mais velho, com outras mediações, ou seja, em outra condição material, social, sociológica, poderia não ter absolutizado esse modo de se saber sendo, poderia ter transcendido a contradição de ser que a situação lhe impunha; mas ele não teve condições de realizá-lo, na medida em que, desde muito novo, estava imerso na racionalidade maniqueísta que o cercava, regida pela dicotomia entre *bem e mal*, típica da sociedade campestre e religiosa em que se encontrava. O que Sartre quis mostrar foi um sujeito livre, porém equivocado, alienado; levado ao equívoco por toda uma situação social, um contexto cultural, uma exigência cruel feita a uma criança, dessas exigências que se vê acontecerem rotineiramente e que vão ajudar a constituir tantas pessoas alienadas, com sérias complicações psicológicas. A alienação, em Sartre, assinala Coorebyter (2005), tira sua força do fato de não ser um determinismo, quer dizer, de ser um fenômeno em relação com a liberdade. Ela é bem mais avassaladora justamente por que assume a cumplicidade da liberdade do próprio sujeito. Dessa forma, é o próprio Genet, ao interiorizar a sentença dos "homens de bem", que se torna seu próprio algoz.

A espiral da vida de Genet se desenvolverá em torno dessa "crise original". Sartre (1952) considera o episódio dos seus dez anos, como o "eixo fundamental" em torno do qual girará a existência de Genet. Mais tarde será preso numa colônia penal, passando a pertencer ao mundo dos ladrões. Em sua trajetória irá tornar-se homossexual, prostituir-se-á, mendigar, vivendo efetivamente na exclusão social. O que há de comum em todos esses perfis? O que unifica seu ser? Essa é a resposta que a psicanálise existencial tem de fornecer!

Genet, ao assumir o ser que lhe foi imposto pela sociedade, acabou forjando, nesse primeiro momento, como eixo de sua existência, o desejo de se fazer *objeto para o outro*: é o que vai aparecer em cada um dos seus gestos, palavras, pensamentos, escolhas, em cada ação. Os roubos, a falta de reciprocidade e, conseqüentemente, a solidão, a fuga para o imaginário, a vivência de sua homossexualidade passiva, a prostituição, a mendicância, entre outros aspectos, são formas de realizar tal projeto. Em todas as suas escolhas, ainda que alienadas, sempre escolheu a posição de passividade de ser (SARTRE, 1952).

Genet foi, na verdade, ao mesmo tempo, um mártir e um ator: *mártir* porque, como já vimos, foi um sujeito levado ao sacrifício por um determinado contexto sócio-cultural; *ator* porque a única saída (falsa) por ele encontrada foi a de representar um papel nesse contexto: todo o seu movimento foi de representação. Foi alguém que, apesar de livre, não conseguia encontrar espaço no mundo para *ser*, posto que *escolheu-se* na

exclusão, aquele que tem de tomar dos outros para ser e, assim, não conseguia estar inteiro em nenhum lugar, tinha de se disfarçar frente ao outro, de ludibriar, mentir, trair. Genet só conseguirá livrar-se dessa dupla condição de ser, quando se tornar escritor e, assim, ganhar um espaço de ser no mundo entre os outros, superando seu martírio.

Genet, no entanto, é uma liberdade em luta, pois ao longo de sua história nunca abriu mão de ser sujeito desse ser, mesmo em sua tenacidade de *se fazer objeto para o outro*. Houve, mais adiante, o momento em que inverteu a situação e fez *dos outros seu objeto*. Mas essa inversão não mudou os termos da partida, manteve sua lógica sado-masoquista. Nessa segunda metamorfose, torna-se o esteta, assumindo uma posição mais ativa no mundo, invertendo o jogo, fazendo, daí para diante, com que os outros o vejam como ele quer ser visto: transforma a sujeira e a miséria em luxo e beleza; torna-se um arrombador de casas, isto é, passa a ter um ofício, ainda que maldito. Planeja-o, é o sujeito de seus roubos. Por fim, quer um destino especial, sonha em ser "santo". Mesmo assim, ainda não consegue estabelecer reciprocidade; encontra-se cada vez mais na solidão, mas agora já age sobre o mundo, é o senhor soberano de sua própria moralidade. Notemos: ao ir modificando, aos poucos, seu projeto, vai alterando seus gostos e sua ação no mundo. Prepara o terreno para sua terceira metamorfose (SARTRE, 1952).

Esta ocorre quando, finalmente, Genet torna-se um escritor. Seus escritos serão sua libertação. Consegue, através de seus romances autobiográficos, na busca de compreender a sua história e o seu ser, em um longo processo de *catarse existencial*, superar sua *maldição original*. Modifica, pouco a pouco, seu modo de se lançar no mundo, através do que consegue estabelecer relações concretas com o contexto que o cerca, tornando-se "um entre os outros". Alcança, portanto, a reciprocidade, deixando de acreditar na maldade e na santidade como entidades que o habitam. É o momento em que seus gestos, seus desejos, suas ações se concretizam em uma nova direção. Transita entre o mundo da marginalidade e da intelectualidade, sem se perder em nenhum dos dois. Tem autonomia, mas não está mais só. Notamos isto, inclusive, em atitudes, como a de defender causas contra a discriminação racial e sexual, a favor do homossexualismo, adotadas muito depois de editado o *Saint Genet* (1952).

Tais transformações não querem dizer que Genet tenha se tornado "outra pessoa"! Muito pelo contrário, ele, finalmente, conseguiu ser histórico, incorporar seu passado como sendo seu e vislumbrar um futuro possível, talvez diferente do que seria previsível até ali, já não mais, porém, uma eterna repetição da crise original, como acontecia antes. Genet mudou: é aquele que viveu todas as aventuras descritas e fantasiadas em seus livros, mas tem todo um devir aberto à sua frente. Novamente assinalamos que os dados de sua biografia, posteriores à publicação de *Saint Genet*, demonstram essa nova perspectiva: continuou a escrever livros, peças teatrais, ensaios, mas estes já não são mais autobiográficos,

descentraram-se, falam agora do mundo, da realidade social. Logicamente falam a partir da sensibilidade do poeta, pois as temáticas permanecem próximas das anteriores – homossexualismo, criminalidade, costumes sociais, etc. Suas obras são uma crítica contumaz aos valores sociais vigentes, como nos demonstra sua mais famosa peça teatral, *O Balcão*. Essas mudanças ocorreram graças ao processo empreendido pelo próprio Genet, que Sartre denominou de sua “cura psicanalítica”. Psicanálise aqui entendida como a possibilidade de elucidação da *questão de ser* do sujeito biografado, viabilizando-lhe um futuro, dialetizando-se na relação com os outros (SARTRE, 1952).

Mas, na verdade, Genet nunca conseguiu livrar-se inteiramente de sua comédia, pois mesmo escritor reconhecido, não se experimentava “inteiro em seu ser”, nem no meio dos intelectuais, nem mais “no meio dos ladrões”. Continuou, de certa forma, representando um papel para os outros, não superando totalmente a sua situação de alienação. Sartre explica em uma das entrevistas: “*Saint Genet* é, quem sabe, o livro onde melhor expliquei o que eu entendo por liberdade. Mas, em um caso como o dele, a liberdade não foi feliz. Ela não foi um triunfo. Para Genet, a liberdade abriu simplesmente certos caminhos que não lhe tinham sido oferecidos de início” (SARTRE, 1972, p.102).

Em *Saint Genet*, o existencialista consegue demonstrar que para compreender o ser do homem é preciso, de fato, superar os equívocos apontados sobre a psicologia empírica, na qual o homem é visto como “um feixe de tendências”. Genet não foi a simples soma de seus desejos e modos de se lançar na vida. Não chegaríamos a entendê-lo se simplesmente descrevêssemos seus diferentes perfis: ladrão, vagabundo, homossexual, mendigo, prostituto, sonhador, sedutor, etc. É preciso compreender o que há de traços comuns nessas características, não enquanto “lei universal”, abstrata, despregada da realidade, mas, efetivamente, enquanto nexos de totalização do ser de Genet.

Assim, é preciso superar as concepções que consideram a pessoa enquanto uma individualidade encerrada em si mesma: o *eu* não é uma *entidade psíquica*, uma caixa-preta a ser desvendada. Só poderemos compreender o ser do nosso poeta, se o olharmos circunscrito no mundo. É a partir da relação com os outros, com a cultura que o cercou, com a mediação dos valores sociais e religiosos, com a materialidade que ele teve disponível, que poderemos entender o que se passou com Genet e o que engendrou seu ser. O fato de ser abandonado quando bebê, de ser despossuído de qualquer bem, a sua convivência com a cultura campesina francesa, a rejeição de seu comportamento pelos que o rodeavam quando ainda garoto, a convivência com o mundo da criminalidade, com as prisões, etc, são fatores essenciais para compreender como Genet se tornou a pessoa que foi. É o homem concreto, com suas relações com o corpo, com os outros, com os objetos, que definem as possibilidades de ser de alguém. “*Ser é unificar-se no mundo*”, diria o existencialista (SARTRE, 1943). A personalidade de Genet não está encerrada dentro de

si mesmo, nem em sua consciência, inacessível para os outros e para ele mesmo. Não! Ela está no mundo, reconhecível em seus gestos, atos, palavras, pensamentos, em seus produtos, como seus livros. A possibilidade de compreensão rigorosa, objetiva, de uma personalidade só se efetiva sob essa perspectiva.

É importante, também, como Sartre aponta no *Questão de Método*, não cair no erro de ficar amarrado somente a análises sociológicas gerais, totalizantes, que priorizam a determinação histórico-social do comportamento, sem fazer o necessário movimento regressivo, de volta à subjetividade. Em outras palavras, é fundamental a conjuntura econômica, política e cultural em que os fenômenos humanos se desenvolvem, no entanto, é primordial compreender que estes são realizados por pessoas concretas, sujeitos que se apropriam de sua situação, fazem algo dela, e que portanto, a dimensão subjetiva é também determinante da realidade. Dessa forma, necessita-se investigar a sensibilidade de Genet, a forma como experimentava suas emoções, o que ele intuía das situações a que estava submetido, o que fazia do seu ser a partir das postulações dos outros. Para melhor compreensão dessa relação dialética entre contexto antropológico e sujeito utilizamos a preciosa metáfora estabelecida por Bloch (2001, p. 60): “um contágio supõe duas coisas: gerações de micróbios e, no momento em que a doença se instala, um *terreno*”. Sartre (1952) chama atenção, portanto, para que não percamos de vista a relação indescatável entre objetividade e subjetividade, pois nela está o cerne da realidade humana, o que exige a adoção de um método que estabeleça o movimento progressivo-regressivo, que faça aflorar à compreensão os dados constitutivos dessa realidade múltipla, cultural, social, mas sem dúvida, singular, individual.

Suas biografias descortinam a elucidação do homem efetivamente como ser-no-mundo, ao demonstrar, através da história de seus personagens, que não estamos fechados dentro de nós mesmos, mas que somos objeto do mundo, ou como diz o filósofo: “coisa entre as coisas, homem entre os homens” (SARTRE, 1968). A partir desses pressupostos, a personalidade só pode ser entendida como uma construção humana, que se dá partir das relações concretas do sujeito com o contexto que o cerca. Genet, portanto, não nasceu com índole má, nem homossexual, nem mesmo com o dom literário. A sua maldade, assim como sua homossexualidade, sua genialidade, foram aspectos constituídos dialeticamente na relação entre o mundo (cultura, classe social, momento histórico, relações concretas, materialidade, etc) e o fundamental foi “aquilo que Genet fez do que fizeram dele” (SARTRE, 1952).

Conclusão

A compreensão psicológica que salta das biografias sartrianas se dá em moldes totalmente diversos dos que tinham sido propostos pela psicologia empírica e a psicanálise clássica. Sartre põe em xeque: 1) a perspectiva subjetivista, na qual tudo se resolve “no mundo interno do sujeito”; 2) a

ênfase mentalista, que entende esse mundo interno como uma estrutura dada, fixa, com uma dinâmica interna própria, que independe da realidade externa; 3) a concepção mecanicista da influência do ambiente no ser do sujeito, como vemos aparecer no Behaviorismo clássico. Ele traz a dialética definitivamente para o corpo da psicologia, sem perder de vista nem o contexto, nem o sujeito.

Dessa forma, a perspectiva empreendida por Sartre em suas biografias, as quais elucidam o indivíduo, com suas peculiaridades, seu projeto de ser, inserido no contexto de sua época, de sua cultura, com seus determinantes sócioeconômicos, estabelecendo o vai e vem entre a objetividade e a subjetividade, pode contribuir substancialmente na consolidação de uma metodologia para a psicologia, conforme já planejava Politzer (1965), nos anos 1920, em sua proposição de sua psicologia concreta (LEGRAND, 1993), bem como outros autores do início do século XX, principalmente os fenomenólogos. A psicologia clínica, a história da psicologia, assim como outras áreas encampadas por essa disciplina, têm muito a ganhar se implementarem a metodologia biográfica elaborada por Sartre.

Referências Bibliográficas

- BOECHAT, N. **As máscaras do cogito**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2004.
- BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BURKE, P. **A Escola dos Annales 1929 – 1989 – a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Fund. Ed. UNESP, 1997.
- CAMPOS, R. H. Introdução à Historiografia da Psicologia. In: BROZEK ; MASSIMI. **Historiografia da Psicologia Moderna**. São Paulo: Loyola, 1998.
- CONTAT, M. Informatiser l'appareil érudit et le separer de l'interpretation. **Cahiers de Sémiotique Textuelle**. N° 16, Nanterre, Université Paris X, p.209-218, 1989.
- COOREBYTER, V. Prière pour le bon usage du Saint *Genet*: Sartre, biographe de l'alienation. **Les Temps Moderns**. Notre Sartre. 60 année. N°s 632-633-634, p. 106–139, juil-oct 2005.
- HODARD, P. **Sartre - entre Marx et Freud**. Paris: Edit. Universitaires, 1979.
- JASPERS, K. **Psicopatologia Geral: psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1979.
- QUINTILIANO, D. **Sartre: philia e autobiografia**. Rio de Janeiro: DP&A ed., 2005.
- LACAPRA, D. Sartre and the question of biography. **The French Review**. V. 55, special issue, n° 7, p. 22-56, 1982.
- LEGRAND, M. **L'approche biographique**. Marseille: Hommes et Perspectives, 1993.

- LOUETTE, F. Désillusion biographiques dans *La Nausée* de Sartre. **Cahiers de Sémiotique Textuelle**. Nanterre, Université Paris X, n. 16, p. 137-158, 1989..
- LOUETTE, F. La Dialectique dans la Biographie. **Les Temps Modernes**. Témoins de Sartre. Paris: 46^a année, n. 531 à 533 – v. 1 et 2, p. 721-759, oct. à dec 1990.
- MARX, K; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã (I- Feuerbach)**. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1987.
- POLITZER, G. **Psicologia Concreta**. Buenos Aires: Jorge Alvarez Ed., 1965.
- SARTRE, J-P. **L'Être et le Néant– Essai d'ontologie phénoménologique**. Paris: Gallimard, 1943.
- SARTRE, J-P. **Baudelaire**. Paris: Gallimard. Col. Folio, 1947.
- SARTRE, J-P. **Saint Genet: Comédien et Martyr**. Paris: Gallimard, 1952.
- SARTRE, J-P. **Critique de la Raison Dialectique (précédé de Question de Méthode)**. Paris: Gallimard, 1960.
- SARTRE, J-P. **Les Mots**. Paris: Gallimard. Col. Folio, 1964.
- SARTRE, J-P. **La Transcendance de L'Ego. Esquisse d'une Description Phénoménologique**. Paris: J. Vrin, 1965.
- SARTRE, J-P. **Situações I**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1968.
- SARTRE, J-P. **L'Idiot de la Famille: Gustave Flaubert, de 1821 a 1857**. Paris: Gallimard, 1971.
- SARTRE, J.P. **Situations, IX**. Paris: Gallimard, 1972.
- SCHNEIDER, D. R. **Novas perspectivas para a psicologia clínica: um estudo da obra 'Saint Genet: comédien et martyr' de Jean-Paul Sartre**. Tese de Doutorado em Psicologia. PUC-SP, São Paulo, 2002.
- SCHNEIDER, D. R. A Náusea e a Psicologia Clínica: interações entre Literatura e Filosofia em Sartre. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, Rio de Janeiro, V.6, n. 2, p. 51-61, 2º Semestre de 2006.
- SCHNEIDER, D. R. Novas perspectivas para a psicologia clínica a partir das contribuições de J. P. Sartre. **Interação em Psicologia**, Curitiba (10)1, p. 101-112, jan./jun. 2006 A.
- THODY, P. **Sartre: Uma introdução biográfica**. Rio de Janeiro: Bloch, 1971.
- VIGOTSKI, L. S. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Recebido em: 15/03/2007

Aceito para publicação em: 25/09/2007

Endereço eletrônico: danischneiderpsi@uol.com.br

Acompanhamento do processo editorial: Ariane P. Ewald

Notas

* Mestre em Educação (UFSC), Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP).